

DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL: UM *FRAMEWORK* DE TRANSFORMAÇÃO LOCAL ALICERÇADO NAS RELAÇÕES SOCIAIS EM REDE

SUSTAINABLE LOCAL DEVELOPMENT: A FRAMEWORK FOR LOCAL TRANSFORMATION BASED ON SOCIAL NETWORKS

DESARROLLO LOCAL SOSTENIBLE: UN FRAMEWORK DE TRANSFORMACIÓN LOCAL BASADO EN REDES SOCIALES

Jorge Renato Verschoore¹
Bruna Hess Prisco²
Jefferson Marlon Monticelli³

RESUMO

Com o aumento das crises sanitárias e ambientais, o desenvolvimento regional tem passado por mudanças. O modelo Donut defende a revisão das prioridades da sociedade incluindo três dimensões da sustentabilidade: econômica, social e ambiental. Portanto, este artigo objetiva propor um *framework* de transformação local baseado em comunidades sustentáveis por meio de um estudo de caso de duas etapas no movimento coletivo POA Inquieta. Na primeira etapa, foi adotada uma abordagem quantitativa com a utilização da análise de redes sociais. Na segunda, foram coletadas evidências qualitativas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com atores centrais e periféricos do caso. O *framework* resultante apresenta cinco pilares de relações sociais em rede (comunicação, recursos, objetivos comuns, envolvimento e normas) e três direcionadores de ação coletiva (participação política, desenvolvimento inclusivo e diversidade). Espera-se que o *framework* contribua para os estudos de desenvolvimento regional sustentável e para a prática dos movimentos coletivos de transformação local.

Palavras-chave: Desenvolvimento Sustentável. Transformação Local. Economia Donut. Análise de Redes. POA Inquieta.

ABSTRACT

With the increase in health and environmental crises, the regional development has been undergoing changes. The Donut Model advocates a review of societal priorities by including three dimensions of sustainability: economic, social, and environmental. Therefore, this paper

¹Doutor em Administração, Professor do Programa de Pós-graduação em Administração (PPGAdm/UNISINOS), Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: jorgevf@unisinos.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7588-7871>

²Especialista em Negócios Internacionais. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: brunahessprisco@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4526-3432>

³Doutor em Administração, Professor do Programa de Pós-graduação em Administração (PPGAdm/UNISINOS), Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: jeffmarlon@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1605-7090>

aims to propose a framework for local transformation based on sustainable communities with a two-stage case study undertaken on the collective movement POA Inquieta. In the first stage, a quantitative approach was adopted using social network analysis. In the second stage, qualitative evidence was collected through semi-structured interviews conducted with central and peripheral actors of the case. The resulting local transformation framework has five pillars of networked social relations (communication, resources, common goals, involvement, and norms) and three drivers of collective action (political participation, including development, and diversity). The framework is expected to contribute to studies of sustainable regional development and to the practice of collective movements for local transformation.

Keywords: Sustainable development. Local Transformation. Donut Economy. Network Analysis. POA Inquieta.

RESUMEN

Con el aumento de crisis sanitarias y medioambientales, el desarrollo regional ha sufrido cambios. El modelo Donut aboga por la revisión de las prioridades de la sociedad con la inclusión de las tres dimensiones de la sostenibilidad: económica, social y medioambiental. Por tanto, este artículo pretende proponer un framework de transformación local basado en comunidades sostenibles por medio de un estudio de caso en dos fases sobre el movimiento colectivo POA Inquieta. En la primera etapa, se adoptó un enfoque cuantitativo con el uso del análisis de redes sociales. En la segunda etapa, se recogieron evidencias cualitativas mediante entrevistas semiestructuradas realizadas a actores centrales y periféricos del caso. El framework de transformación local resultante presenta cinco pilares de relaciones sociales en red (comunicación, recursos, objetivos comunes, participación y normas) y tres impulsores de la acción colectiva (participación política, desarrollo inclusivo y diversidad). Se espera que el framework contribuya a los estudios sobre el desarrollo regional sostenible y a la práctica de los movimientos colectivos para la transformación local.

Palabras clave: Desenvolvimento sustentável. Transformação local. Economia donut. Análisis de redes. POA inquieta.

Como citar este artigo: VERSCHOORE, Jorge Renato; PRISCO, Bruna Hess; MONTICELLI, Jefferson Marlon. Desenvolvimento local sustentável: um *framework* de transformação local alicerçado nas relações sociais em rede. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 13, p. 231-255, 23 jun. 2023. Doi: <https://doi.org/10.24302/drd.v13.4761>

Artigo recebido em: 23/03/2023

Artigo aprovado em: 12/06/2023

Artigo publicado em: 26/06/2023

1 INTRODUÇÃO

Crises recentes, em especial a crise econômica e sanitária resultante da pandemia de Covid-19, ressaltam problemas econômicos sistêmicos e ampliam as desigualdades sociais já existentes. Nesse contexto, os modelos econômicos e a concepção de desenvolvimento regional têm passado por mudanças. Aspectos sociais e ambientais vêm ganhando relevância, considerando tanto os contextos global e nacional, quanto os contextos regional e local (VANDENHOLE, 2018). Autores como Raworth (2019) propõem um novo modelo econômico, que leva em conta o desenvolvimento sustentável como premissa central (STOPPER; KOSSIK; GASTERMANN, 2016). A proposta de Raworth (2019) ficou conhecida como modelo Donut e defende uma sociedade que não tenha como objetivo central apenas o crescimento econômico e que passe a priorizar uma vida sustentável, regenerativa e distributiva. Em sua forma reduzida, voltada para a temática de transformação local, o modelo Donut aponta duas visões, local e global, e quatro dimensões de análise: local-social, local-ambiental, global-social e global-ambiental (FANNING; KRESTYANINOVA; RAWORTH, 2020).

O modelo Donut de Raworth (2019) requer o alinhamento entre os diferentes atores da sociedade para que a mudança se torne eficaz e duradoura. Este alinhamento está relacionado a duas tendências que, de acordo com Barabási (2014), são aliadas essenciais da transformação: uma visão orientada para redes e uma coordenação das consequências da interconexão. Tendo especial relevância na sociedade atual, a organização em rede aproxima pessoas em lados opostos do mundo, facilita e acelera a disseminação de doenças ou crises, bem como a disseminação de informações e pensamentos (CASTELLS, 2010; WATTS, 2003). As redes são, em sua essência, formadas por atores e pelas relações entre eles (MARTELETO, 2001). Em paralelo a isso, as redes podem ser consideradas formas de organização e possibilitam a cooperação e a troca de informações eficientes entre diversos atores, como pessoas, empresas, governo, entre outros (BARABÁSI, 2014; WATTS, 2003). A colaboração implica diretamente uma relação ganha-ganha, ou seja, uma relação na qual ambos os lados se beneficiam (BALESTRIN; VERSCHOORE, 2016).

Ao redor do mundo, existem diversos movimentos de redes colaborativas que incluem a sociedade civil em busca de uma transformação local sustentável (ECHEBARRIA et al., 2018). Um dos exemplos é o Porto Alegre Inquieta (<https://poainquieta.com.br/>). O POA Inquieta, como é conhecida, trata-se uma iniciativa comunitária e colaborativa formada por representantes da sociedade civil. O coletivo é uma organização orgânica que tem como objetivo principal a transformação local através da facilitação do acesso a espaços de poder, à democratização, à cultura e ao aprendizado através da troca de recursos intangíveis e por meio do compartilhamento do conhecimento. O POA Inquieta se organiza através de grupos, denominados de spins, criados pelos próprios membros da rede à medida que uma necessidade ou oportunidade de transformação local surja. Cada spin possui um tema específico, como economia criativa, turismo, gastronomia, negócios, entre outros.

Apesar de valorizar as relações sociais para o desenvolvimento de comunidades sustentáveis, o modelo Donut de Raworth (2019) não indica como redes de atores podem contribuir para a transformação local. Desponta, portanto, oportunidades de pesquisa para preencher essa lacuna. No Brasil, já há estudos que se debruçam sobre o papel das redes no desenvolvimento regional. A maior parte deles, todavia, se concentram em redes interorganizacionais e na criação de vantagens competitivas (CÂNDIDO, 2002; SACCARDO DOS SANTOS; BERNARDY, 2019). Este artigo se propõe a complementar o conhecimento

na temática, enfocando o papel das relações sociais no contexto do desenvolvimento sustentável. Partindo do modelo Donut de Raworth (2019), o objetivo principal do artigo é propor um *framework* de transformação local baseado em comunidades sustentáveis. Metodologicamente, foi realizado um estudo de caso de duas etapas no movimento coletivo POA Inquieta. Na primeira etapa, foi adotada uma abordagem quantitativa com a utilização da análise de redes sociais. Na segunda etapa, foram coletadas evidências qualitativas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com atores centrais e periféricos da rede. O *framework* proposto se sustenta em uma densa revisão de literatura sobre redes e transformação local e, empiricamente, nas experiências vividas por participantes de iniciativas colaborativas.

O artigo está estruturado em seis seções. Nesta introdução foram apresentados o contexto geral, objetivos e metodologia. Na segunda seção, denominada de fundamentação teórica, é abordado o modelo Donut, bem como conceitos e definições chave a respeito de redes. A terceira seção apresenta a metodologia do estudo e detalha os procedimentos de coleta e análise das evidências. A quarta seção traz a apresentação do caso e a análise da rede do POA Inquieta. A quinta seção discute os resultados e propõe o *framework* de transformação local. Ao final, na sexta seção, são apresentadas as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MODELO DONUT E TRANSFORMAÇÃO LOCAL

O rápido crescimento econômico das nações e, aliado a isso, o aumento das desigualdades sociais trazem à tona questões como a redistribuição de recursos e o impacto da atuação humana na Terra (SACHS, 2015). A partir disso, a temática do desenvolvimento sustentável entrou em foco e passou a protagonizar discussões que relacionavam economia, sociedade e ambiente. Desde então, o conceito de desenvolvimento sustentável esteve voltado à relação entre os pilares da economia, sociedade e ambiente (BLEWITT, 2008; BOFF, 2016; SACHS, 2015) e, por algum tempo, teve como foco as consequências intergeracionais das ações humanas (BLEWITT, 2008; BOFF, 2016; RAWORTH, 2019). Abordagens mais recentes trazem o equilíbrio e integração da sociedade e da economia com o ambiente no qual estão inseridas (SACHS, 2015).

Novos modelos de desenvolvimento sustentável apontando para os três pilares relacionados surgiram, como, por exemplo, o pioneiro Tripple Bottom Line (BOFF, 2016). Os modelos que o seguiram incorporaram inovações de design e de relações, algumas mudanças de termos e, por vezes, a adição de aspectos, como cultura, generosidade e transparência (BOFF, 2016; STOPPER; KOSSIK; GASTERMANN, 2016). Para Stopper, Kossik e Gastermann (2016), modelos contemporâneos de sustentabilidade trazem uma visão mais alinhada com a complexidade dos problemas atuais. O modelo econômico Donut, proposto por Raworth, reuniu os 12 aspectos sociais definidos pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU e os 9 aspectos ambientais apresentados por Rockström *et al.* (2009) em uma estrutura flexível.

Uma das principais evoluções do modelo Donut é a definição quantificável dos parâmetros sociais e ambientais. O modelo propõe que uma vida sustentável se estabelece entre

os alicerces, que são os aspectos sociais, e o teto, representado por aspectos ambientais (RAWORTH, 2019; STOPPER; KOSSIK; GASTERMANN, 2016). Além disso, Raworth (2019) aponta a Teoria do Decrescimento (KALLI; KERSCHNER; MARTINEZ-ALIER, 2012) como um pressuposto chave para a execução do modelo Donut. Sendo assim, a autora afirma que, para que a sociedade esteja dentro do espaço seguro e justo para a humanidade, o crescimento constante e infinito não é viável (RAWORTH, 2019). Jackson (2019), por sua vez, critica o paradigma do crescimento a qualquer custo e acrescenta que essa visão não conduz necessariamente à prosperidade.

A partir do entendimento da necessidade de um modelo aplicável em uma menor escala, foi desenvolvido um guia de aplicação do Donut no contexto de uma cidade (FANNING; KRESTYANINOVA; RAWORTH, 2020). O Modelo Donut Reduzido conta com os principais elementos do modelo global – teto ecológico, fundações sociais e o ambiente sustentável de se viver –, entretanto, simplifica seu entendimento e apresenta quatro lentes nas quais a análise deve ser baseada: Local-Ambiental, Local-Social, Global-Ambiental e Global-Social (FANNING; KRESTYANINOVA; RAWORTH, 2020).

Uma das principais características do Modelo Donut Reduzido é sua alta flexibilidade. A proposta gira em torno da avaliação, da medição e do acompanhamento de determinadas métricas que são definidas de acordo com o contexto ao qual serão aplicadas (FANNING; KRESTYANINOVA; RAWORTH, 2020). A lente utilizada para analisar o cenário Local-Social foi composta por quatro pontos principais nas cidades onde o modelo foi aplicado. São eles: Saúde, Conectividade, Capacitação e Empoderamento.

A definição das dimensões e subcategorias foram feitas de três formas: através de assembleias compostas pela sociedade civil, de questionário quantitativo aplicado à população ou do que for estabelecido pelo poder público (FANNING; KRESTYANINOVA; RAWORTH, 2020). Outro ponto a ser ressaltado é o de que o modelo como um todo busca o alcance de uma sociedade próspera. Dessa forma, os objetivos devem considerar a prosperidade individual e coletiva. A utilização do modelo é feita em cinco etapas: definição de dimensões e categorias, seleção de métricas, avaliação da situação atual, estabelecimento de objetivos e planejamento de ações (FANNING; KRESTYANINOVA; RAWORTH, 2020). A proposta central do Modelo Donut Reduzido é gerar um retrato da cidade no momento e, ao mesmo tempo, trazer a perspectiva de planejamento para transformação desse retrato no futuro (RASHID, 2020).

Tendo como base os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, que servem como guias para as categorias abordadas aqui, é essencial reestruturar a hierarquia das normas de equidade social, dando primazia à justiça climática e social. Essa abordagem transformadora do modelo impulsiona as decisões sociais e econômicas, em contraponto à priorização do lucro. Assim, políticas transformadoras específicas são necessárias para acomodar os princípios do desenvolvimento sustentável e das economias pós-crescimento e de suficiência (DEACON, 2016).

O Modelo Donut Reduzido requer uma integração entre as subcategorias e as métricas estabelecidas para proporcionar uma transformação local efetiva (VAN ZANTEN; VAN TULDER, 2020). Nesse sentido, Waddell e Waddock (2020) apresentam três tipos de mudanças: incremental, fazer mais do que já foi feito; reforma, fazer melhor; e transformação, mudando sistemas, incluindo propósitos, objetivos, e fluxos de relações e recursos. Adicionando, Senge *et al.* (2007), aponta para a importância da construção coletiva de uma

solução pertinente. Isso se relaciona intimamente com a proposta do Modelo Donut Reduzido, que entende a transformação social como algo inclusivo, buscando a prosperidade tanto individual, quanto coletiva (FANNING; KRESTYANINOVA; RAWORTH, 2020).

No contexto atual, transformações comportamentais e culturais se sustentam em estruturas de redes, sejam elas de indivíduos, empresas ou governos (PALMER; RICHARDS, 1999). Segundo Granovetter (2005), estruturas sociais e, principalmente, redes sociais afetam diretamente a economia de três formas: (1) através do fluxo e da qualidade das informações; (2) da amplificação do impacto das ações individuais, atuando no sistema de punição e recompensa; e (3) do incentivo da rede à ação coletiva, aumentando os níveis de confiança social. Ademais, Castells (2010) ressalta a intensificação desse movimento de criação e desenvolvimento de redes com o auxílio da internet. A partir disso, neste trabalho, torna-se relevante analisar como esses conceitos podem ser aplicados na rede em estudo.

2.2 REDES

A formação e o desenvolvimento de redes não é um fenômeno recente. Essa estrutura de associação e organização está presente em diversos sistemas que formam a sociedade (BARABÁSI, 2014; KILDUFF; TSAI, 2003; WATTS, 2003). A teoria das redes tem sua origem no estudo matemático das conexões e da construção de grafos (BARABÁSI, 2014). Dessa forma, o entendimento das redes e de seu funcionamento é essencial para a compreensão da complexidade do mundo contemporâneo (BARABÁSI, 2014). As redes são compostas por dois elementos principais, os atores (nós) e suas conexões (links), e são, fundamentalmente, estruturadas em função de um objetivo em comum (TODEVA, 2006; BORGATTI; HALGIN, 2011). O impacto das redes torna-se mais evidente à medida que são perceptíveis as mudanças sistêmicas a partir de pequenas alterações na topografia da rede, afetando apenas alguns nós ou conexões (BARABÁSI, 2014).

O conceito de redes sociais tem evoluído desde suas origens na década de 1950 e vem transformando o entendimento das relações em situações sociais. O estudo das redes sociais busca entender o comportamento dos indivíduos, suas conexões e as consequências das relações sociais. A partir do advento da internet, o conceito foi ressignificado e aplicado a redes digitais (TODEVA, 2006). Nesse estudo, será considerada a perspectiva sociológica das redes sociais, bem como a análise dessa estrutura de organização social. Kilduff e Tsai (2003) ressaltam a importância das redes sociais na sociedade e enfatizam a influência de conexões pessoais tanto no acesso à informação como nas práticas e nas formas de agir e pensar de uma pessoa. Em redes sociais, é perceptível a valorização de conexões informais, e essas tendem a estar acima das estruturas hierárquicas da rede (MARTELETO, 2001). De forma prática, a principal forma de poder e de mudança de comportamentos se encontra nas redes de troca de informações, formadas pela sociedade, por instituições, movimentos culturais, entre outros (CASTELLS, 2010). Em função de sua característica distributiva (RAWORTH, 2019), as redes não têm como pré-requisito a existência de um centro hierárquico e, assim, possuem diversas diferenças entre os nós e as conexões (MARTELETO, 2001). Os nós representam os atores que compõem uma rede. Podem ser pessoas, computadores, cidades ou qualquer outra unidade identificada. As conexões, por sua vez, representam relações entre esses atores (BARABÁSI, 2014).

O advento da Análise de Redes Sociais (ARS), trouxe uma série de indicadores-chave que possibilitam aos pesquisadores o melhor entendimento de seu funcionamento e organização. Dentre esses indicadores, um dos principais é a densidade. A densidade de uma rede é a relação entre as conexões de uma rede e o número máximo de conexões possíveis (WELLMAN, 1983) e fornece informações relacionadas à sua estrutura, apontando a recorrência de conexões entre os atores (TODEVA, 2006). Dessa forma, em uma rede com alta densidade, é esperada uma maior interdependência de atores do que em uma rede com baixa densidade (TODEVA, 2006). Similarmente, uma rede com maior densidade também tende a apresentar uma maior coesão de ideias (GRANOVETTER, 2005).

A distância entre os nós é contada a partir do número de conexões entre eles e é chamada de grau (WATTS, 2003). O grau de um ator corresponde ao número de conexões ou relações que esse ator possui. Dessa forma, a centralidade de grau é a medida do quanto uma pessoa é central dentro de uma rede, ou seja, quanto mais conexões tiver, mais central ela é (JACKSON, 2019). Já a centralidade de autovetor (*Eigenvector centrality*) demonstra o quanto um ator é bem conectado com outros atores, considerando não somente o número de conexões, como também a posição dessas conexões na rede (JACKSON, 2019). Dessa forma, um ator cujas conexões têm muitas outras conexões terá uma centralidade de autovetor maior do que um ator cujas conexões têm uma conectividade baixa (KILDUFF; TSAI, 2003).

A difusão é, muitas vezes, chamada de alcance (*reach centrality* ou alcançabilidade), pois leva em conta o número de graus necessários para alcançar inclusive atores mais periféricos (JACKSON, 2019; KILDUFF; TSAI, 2003). A capacidade de alcance, ou difusão, de uma rede é a relativa facilidade com que os atores podem alcançar um ao outro (KILDUFF; TSAI, 2003). As redes de alto alcance são mais eficientes do que as redes de baixo alcance, no sentido de que as mensagens podem chegar a mais pessoas através do mesmo número de intermediários (JACKSON, 2019). Da mesma forma que ocorre quando uma rede conta com alta densidade, em redes de alto alcance, as normas, valores e ideias podem se difundir rapidamente e sem muita distorção (KILDUFF; TSAI, 2003).

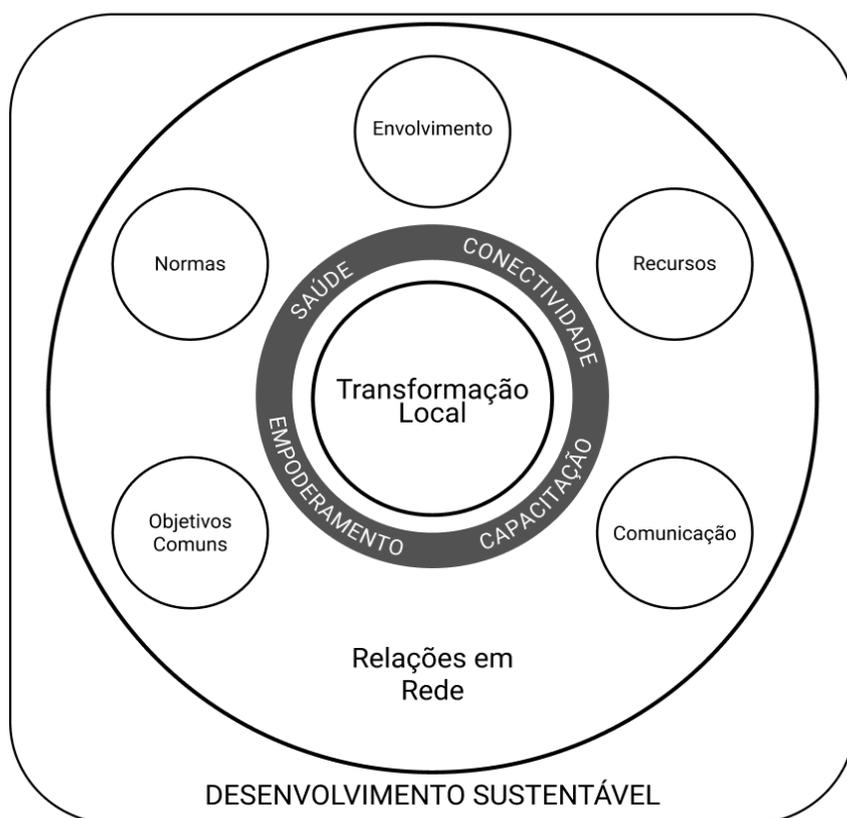
Independentemente de sua estrutura social, redes requerem algum tipo de governança para se manter (TODEVA, 2006). No contexto das redes voltadas para o desenvolvimento sustentável, Padilha e Verschoore (2013) propuseram cinco construtos-chave de governança: objetivos comuns, normas, envolvimento, recursos e comunicação. Os objetivos comuns são os motivos que levam à união dos atores e às contribuições para o grupo (SHIRKY, 2010). É o que Olson (1999) relaciona ao benefício coletivo, ou seja, o que os membros de um grupo pretendem alcançar mediante à sua associação. Esses objetivos são fundamentais para a formação dos grupos e atraem potenciais participantes. Ademais, a partir de sua definição clara, auxiliam na governança dos grupos, envolvendo seus participantes (PADILHA; VERSCHOORE, 2013).

As normas tornam explícitos os comportamentos esperados dos membros, alinhando, também, a expectativa individual, sendo definidas para redução da incerteza (PORTUGAL, 2007; SHIRKY, 2010). Com as normas, a resolução de conflitos é facilitada e, considerando uma organização horizontal, elas podem ser informais (PADILHA; VERSCHOORE, 2013). O envolvimento, por sua vez, é a “participação dos atores nas decisões do grupo” (PADILHA; VERSCHOORE, 2013, p. 159). Ele é dependente das motivações individuais, sendo elas divididas em dois tipos: intrínsecas, nas quais a atividade é a recompensa, e extrínsecas, quando a recompensa é algo externo (PADILHA; VERSCHOORE, 2013).

Os recursos são representados pelas necessidades materiais que permitem a viabilidade da rede, sendo essenciais para o alcance dos objetivos, tanto no curto, quanto no longo prazo (PADILHA; VERSCHOORE, 2013). Olson (1999) ressalta que, para obtenção de um benefício coletivo, existe, sempre, um custo organizacional mínimo. Por fim, a comunicação, interna e externa, potencializa as forças da rede como um todo e permite a troca de informações entre atores. Padilha e Verschoore (2013) alertam para a necessidade de fluidez nesse processo, em busca de uma organização mais coesa e alinhada. Além disso, faz-se importante a ressalva de que mudanças culturais e tecnológicas tem tornado a comunicação horizontal mais veloz e efetiva (CASTELLS, 2009).

As redes sociais impactam o contexto no qual estão inseridas de diversas formas: afetando o fluxo e a qualidade das informações, servindo como fonte de recompensas e punições, bem como auxiliando no desenvolvimento de confiança. Dessa forma, tendem a influenciar organizações, pessoas e ambientes (DUFAYS; HUYBRECHTS, 2014). A Figura 1 apresenta a moldura de análise com os construtos teóricos que embasam o estudo.

Figura 1 - Moldura de Análise



Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerando um contexto de desigualdades sociais e a necessidade de uma mudança sistêmica na sociedade, percebe-se o potencial das relações sociais nessa transformação. Com base nesse pressuposto e nos referenciais apresentados sobre Modelo Donut, Transformação Local e Redes, a próxima seção do estudo é responsável por esclarecer como foi a condução metodológica utilizada para o alcance dos objetivos almejados.

3 MÉTODO

Nessa seção, são apresentados os métodos utilizados para a realização do estudo, bem como as técnicas de coleta de dados e análise. Marconi e Lakatos (2017, p. 33) definem o método como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo com conhecimentos válidos e verdadeiros”. Dessa forma, o método é o caminho para chegar a um determinado objetivo (GIL, 2008). O estudo é de caráter exploratório, tendo como principal objetivo “explorar ou fazer uma busca em um problema ou em uma situação a fim de oferecer informações e maior compreensão” (MALHOTRA, 2012, p. 59).

Para alcançar os objetivos deste estudo, foram adotadas complementarmente uma abordagem quantitativa (etapa 1) e uma abordagem qualitativa (etapa 2). A primeira etapa, quantitativa, foi realizada através da Análise de Redes Sociais (ARS). Em seguida, a segunda etapa, qualitativa, foi baseada na análise de conteúdo de evidências coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas junto a atores chave da rede analisada a priori. A seguir, são detalhadas ambas as etapas, bem como os procedimentos de coleta e de análise das informações coletadas.

3.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA E DE ANÁLISE DA ETAPA QUANTITATIVA

A primeira etapa do estudo teve uma ênfase quantitativa, alicerçada no método da Análise de Redes Sociais (ARS). A ARS tem como pressuposto que as relações sociais são organizadas em padrões de nós e conexões, podendo ser analisadas com precisão e representadas através de grafos (CROSSLEY; PRELL; SCOTT, 2009). É, por concepção, uma estratégia de investigação de estruturas sociais (OTTE; ROUSSEAU, 2002). Corroborando essa ideia, Wetherell, Plakans e Wellman (1994) ressaltam três principais características da ARS: (1) define a estrutura social a partir de uma rede que conecta atores e une recursos; (2) tem o foco nas relações e não nos aspectos individuais dos atores; e (3) considera comunidades como redes de relações individuais com impacto diário e recorrente na vida dos atores.

O coletivo POA Inquieta constituiu a rede em foco. A rede é composta majoritariamente pela sociedade civil e é estruturada em grupos organizados por tema, visando à colaboração para a transformação local. A coleta de dados foi realizada no grupo de articuladores da rede, composto por 25 participantes à época do estudo. Os respondentes foram nominados por letras do alfabeto para fins de anonimato. O formulário de coleta continha três perguntas: “quem você conhecia antes de participar do POA Inquieta?”, “com quem você conversa, em particular (fora do grupo de WhatsApp ou dos encontros), sobre transformação local?” e “com quem você já realizou projetos ou nanoiniciativas sobre transformação local?”.

A análise dos dados quantitativos ocorreu em 4 etapas, e foram utilizados três softwares, Ucinet, Netdraw e Excel. A primeira etapa foi de aplicação do questionário para coleta de dados sobre as relações dentro da rede. Após isso, a segunda etapa resumiu-se na organização dos dados em matrizes através do Excel para, posteriormente, fazer a inserção no software Ucinet. O Ucinet e o Netdraw são softwares específicos para a análise de redes. O primeiro, Ucinet, apresenta dados estruturais das redes, e o segundo, Netdraw, auxilia na execução de sociogramas (SCOTT, 2011). Em Yang *et al.* (2017), apresentam-se três fases de uma ARS: (1) pré-processamento de dados, onde há a remoção de registros duplicados e a fusão de registros

comuns; (2) extração em rede, que permite a exploração de conhecimentos e informações selecionadas pelo pesquisador; e (3) técnicas de visualização, onde se deve atentar a três aspectos principais, mapas de layout, expressão de informações e capacidade de edição. Com os dados estruturados, foram desenhados os sociogramas referentes às relações analisadas.

O último passo da ARS é a análise dos dados gerados e exportados através do software. Nessa etapa, foi realizado o mapeamento da rede como um todo, assim como foram medidos indicadores de conexões, densidade, atores periféricos e centrais, entre outros resultados (FREEMAN, 2004). A identificação dos atores centrais e periféricos seguiu os procedimentos adotados por Camargo, Verschoore e Padilha (2013). Para tanto, foram calculados os indicadores da centralidade de grau, da centralidade de autovetor e da centralidade de alcance de todos os participantes da rede. Os resultados das análises de centralidade apontaram 5 atores centrais e 4 atores periféricos em destaque, os quais são listados no Quadro 1. A seguir são detalhados os procedimentos qualitativos de coleta e da análise de conteúdo que constituíram a segunda etapa do estudo.

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA E DE ANÁLISE DA ETAPA QUALITATIVA

A segunda etapa deste trabalho adotou uma ênfase qualitativa, tendo como intuito aprofundar o conhecimento sobre a dinâmica da rede e a sua relação com a sustentabilidade e o Modelo Donut Reduzido. Pesquisas qualitativas, segundo Malhotra (2012), não são estruturadas e muitas vezes possuem cunho exploratório. As evidências obtidas não são quantificáveis, sendo baseadas em campos empíricos que, mesmo pequenos, proporcionam o entendimento do contexto do problema em foco (MATIAS-PEREIRA, 2016).

Marconi e Lakatos (2017) classificam as evidências em três categorias: primárias, incluindo depoimentos, entrevistas e questionários; secundárias, organizadas a partir de uma análise documental; terciárias, dados citados ou fornecidos por terceiros. Neste estudo, foram coletadas evidências primárias, por meio de entrevistas semiestruturadas, e secundárias, através de documentos relacionados à rede POA Inquieta. A definição dos entrevistados se deu após a coleta de dados quantitativos e a análise de redes. Essa definição foi norteada pelos indicadores de redes estabelecidos a priori: centralidade de grau, centralidade de autovetor e centralidade de alcance.

Foram entrevistados os cinco atores centrais da rede e os quatro atores periféricos identificados na etapa quantitativa. Todos os entrevistados eram articuladores do POA Inquieta à época do estudo, ou seja, eram representantes dos grupos temáticos. As entrevistas duraram em torno de 40 minutos, sendo guiadas por um roteiro semiestruturado baseado na moldura de análise apresentada ao final do referencial teórico. Os 9 entrevistados serão citados na apresentação do caso (seção 4) e discussão dos resultados (seção 5) com a mesma letra de sua identificação na análise de redes, conforme apresentado no Quadro 1. Paralelamente, foram obtidos documentos impressos e digitais do POA Inquieta tratando de sua estruturação inicial, de sua evolução e das principais decisões formalizadas.

Quadro 1 - Identificação dos Entrevistados

Identificação	Posição na Rede
A	Central
I	Central
L	Periférico
O	Periférico
P	Central
Q	Periférico
V	Central
Z	Central
Y	Periférico

Fonte: Elaborado pelos autores.

Esse conjunto de evidências qualitativas foi interpretado segundo as orientações da análise de conteúdo. Foram seguidas as três etapas de análise proposto por Bardin (2011): pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados. Para a pré-análise e a exploração do material, foram adotadas como categorias de análise os elementos do Modelo Donut Reduzido (FANNING; KRESTYANINOVA; RAWORTH, 2020) e os construtos de governança de rede propostos por Padilha e Verschoore (2013) sintetizados na moldura de análise. No tratamento dos resultados, a interpretação das evidências seguiu a orientação de Câmara (2013) ao se buscar o que se esconde sob a aparente realidade, de compreender o discurso enunciado, entender que querem dizer, em profundidade, cada afirmação, mesmo que superficial. A próxima seção traz a apresentação do POA Inquieta e de sua rede de articuladores.

4 APRESENTAÇÃO DO CASO

Nesta seção, tem-se a apresentação do caso. Primeiramente, é apresentado a rede POA Inquieta como um todo. Após, em três partes, são detalhadas as três análises de rede realizadas no grupo de articuladores. A rede de articuladores foi analisada a partir de métricas de densidade e de centralidade, bem como, da dinâmica de estruturação e compartilhamento de informações dentro da rede.

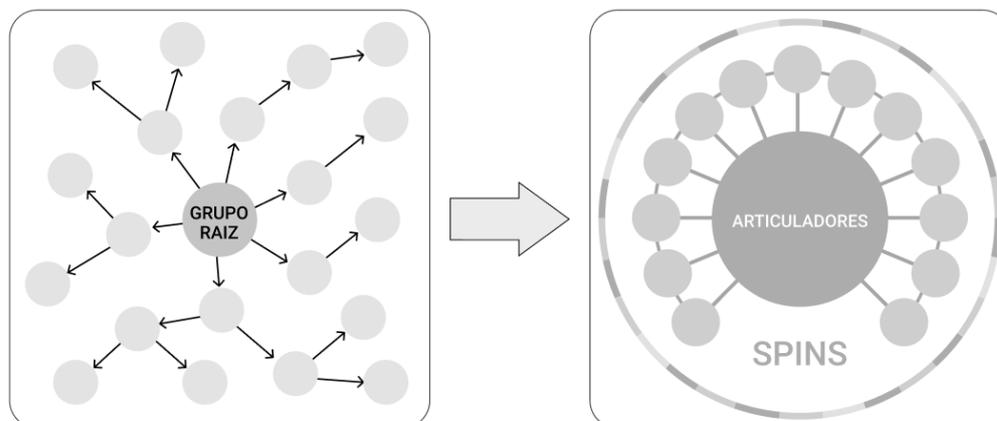
O POA Inquieta é um movimento que começou por uma necessidade de representação da indústria criativa na cidade de Porto Alegre. Em um primeiro momento, o intuito era fortalecer negócios ligados à economia criativa, conforme indica o entrevistado Y:

[...] Fizemos esse evento, houve um debate e, logo em seguida, [...] se falou do potencial da indústria criativa de Porto Alegre, dos talentos, do quanto que a gente tem talento e acaba exportando esses talentos [...] então, a gente se mobilizou em um grupo para discutir isso, [...] montou um grupo de WhatsApp de 7 pessoas... Aí os 7 viraram 20. Dos 20, a gente começou a fazer as primeiras reuniões, daí a gente fez um workshop para debater. Tinha umas 30 pessoas (Entrevistado Y).

Com a entrada de novos participantes, surgiu a necessidade de discussões sobre tópicos diversos, como capital humano, turismo e sustentabilidade. Dessa forma, houve o surgimento de spins, grupos satélites, em torno do grupo raiz. Rapidamente, a disparidade de informações entre os grupos aumentou e foi percebida a necessidade de alguma forma de centralização maior. A partir disso, formou-se um grupo de articuladores, como demonstra a Figura 2. Com

os articuladores, o coletivo passou a ter o estabelecimento de agentes, membros dos spins, que assumissem uma responsabilidade estratégica e uma posição de conexão com outros grupos.

Figura 2 - Evolução da Estrutura do POA Inquieta



Fonte: Elaborado pelos autores.

A rede foi estruturada de forma horizontal. Apesar de existir um grupo de articuladores, eles não representam uma hierarquia. Conforme Balestrin e Verschoore (2016), as redes não têm como pré-requisito uma centralização de poder. Sendo assim, esse grupo representa uma tentativa de difusão e integração dos diferentes *spins*. Com esse crescimento, também foram renovados os norteadores do coletivo. Todos os entrevistados apontaram a rede como uma forma orgânica de agrupamento. Entretanto ela apresenta suas normas bem definidas, o que tende a auxiliar em uma governança efetiva (PADILHA; VERSCHOORE, 2013). Atualmente, o POA Inquieta se apresenta como: um coletivo de pessoas que se organizam de forma ativa e colaborativa na cidade de Porto Alegre visando à transformação local. Além disso, é apontada, como propósito, a articulação de pessoas, recursos e iniciativas locais através da cocriação para a transformação de Porto Alegre em uma cidade mais inclusiva, criativa e sustentável. Corroborando, o entrevistado P, apresenta sua visão sobre o propósito da rede:

Tem um propósito muito claro e de muito valor ali, eu percebo assim pelo menos, que é através de uma articulação comunitária, olha aí, por que eu digo comunitária, que não está atrelado a um partido político não está atrelado a uma frente partidária, não é do governo, é uma articulação comunitária, o popular, vamos dizer assim, e que o cujo objetivo é, vamos lá, é uma maneira também mais geral, de contribuir para que a cidade de Porto Alegre seja melhor (Entrevistado P)

A rede, na sua totalidade, é formada por aproximadamente 30 *spins* e reúne quase 4.000 pessoas. Ela se caracteriza como um coletivo orgânico, no qual é possível qualquer pessoa entrar, participar ou organizar uma roda de conversa e propor projetos. O compartilhamento de informações, bem como a comunicação no dia a dia, é feito através de grupos de *WhatsApp*, e a principal ferramenta de cocriação e relacionamento face a face são as rodas de conversa. As ações do coletivo são divididas basicamente em duas categorias: projetos e nanoacabativas. O último, termo criado pela própria rede, traz a valorização das pequenas vitórias, ou seja, por mais que seja uma pequena iniciativa, o impacto é válido e relevante para a cidade.

Nesse sentido, o entrevistado A traz algumas preocupações pensando na comunicação interna:

É, ela flui dentro dos spins né, nos grupos do WhatsApp [...] é, ela flui também claro que externamente tem, tu vê, tem grupos ali por afinidade sejam de interesse, sejam afetivas e tal, com certeza se formam outras conversas paralelas. Então, é, eu acho que, assim, é interessante mas também é frágil né? É meia frágil, porque, como não há um compromisso, então é como tudo, tem um lado que eu acho que é positivo, porque a gente está se mantendo, bem ou mal, está conseguindo, é, manter os vínculos, né [...] (Entrevistado A)

Considerando as características estruturais do POA Inquieta e, das três perguntas realizadas para a execução da análise de redes, foi possível identificar a dinâmica de funcionamento da rede de articuladores. O Quadro 2 apresenta as três perguntas realizadas, seus objetivos e a densidade da rede.

Quadro 2 – Análise da Rede de Articuladores

	Pergunta	Objetivo	Densidade
1	Quem você conhecia antes de participar do POA Inquieta?	Identificar relações mais profundas entre os atores do grupo.	0,09
2	Com quem você conversa, em particular (fora do grupo de WhatsApp ou dos encontros), sobre transformação local?	Identificar relações pautadas por um dos principais objetivos da rede, a transformação local.	0,29
3	Com quem você já realizou projetos ou nanoiniciativas sobre transformação local?	Identificar nível de relacionamento dentro do grupo de articuladores através dos projetos já realizados.	0,37

Fonte: Elaborado pelos autores.

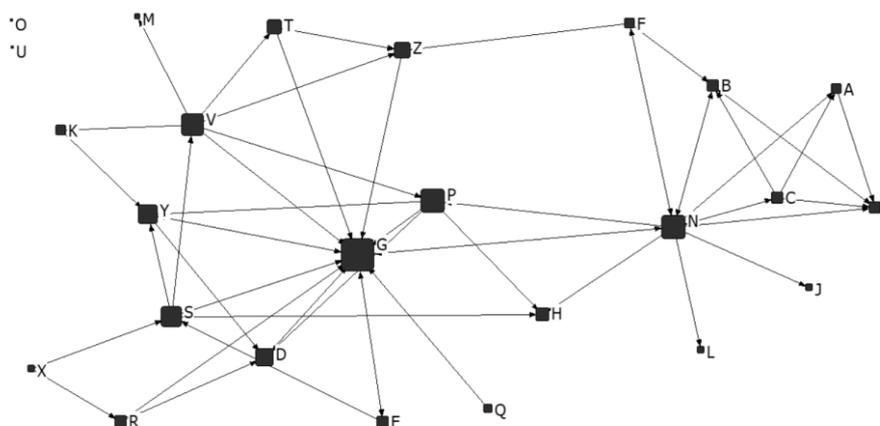
A densidade é um dos principais conceitos de análise de redes e aponta a recorrência de conexões entre os atores, relacionando o número máximo de conexões possíveis com o número real (KILDUFF; TSAI, 2003; WELLMAN, 1983). Em todas as análises, a rede de articuladores do POA Inquieta possui uma densidade baixa, indicando que há espaço para a ampliação de relações. Granovetter (2005) aponta que as redes com baixa densidade tendem a ter uma maior diversidade de ideias e pontos de vista, sendo menos coesas.

As próximas partes trazem os resultados das análises realizadas a partir das perguntas acima apresentadas. Primeiramente, a rede é estudada através de relações existentes antes da entrada no movimento. Após, relações pautadas por conversas sobre transformação local. Em seguida, para finalizar, relações existentes em função de projetos realizados em conjunto.

4.1 RELAÇÕES PRÉVIAS AO POA INQUIETA

O sociograma apresentado na Figura 3 representa graficamente a rede de acordo com a primeira questão, ou seja, com o olhar voltado a relações anteriores ao POA Inquieta. Além disso, está desenhado de acordo com a centralidade de autovetor, sendo assim, os maiores nós são os mais bem conectados. Outro fator relevante na análise desse sociograma (Figura 3) é o fato de duas pessoas (O e U) não terem conhecimento prévio de nenhum outro ator. Os atores G e N têm uma função conectiva relevante de ponte entre os dois grandes grupos à direita e à esquerda da Figura 3 (WATTS, 2003).

Figura 3 – Rede referente às relações que apresentam menor densidade (pergunta 1)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Apesar de os resultados apontarem para poucos atores se conhecendo antes da entrada na rede de articuladores, nas entrevistas foi possível perceber que, na rede como um todo, o convite de pessoas conhecidas é a principal maneira de ingresso, tanto para os atores periféricos, como os centrais. Os entrevistados I e L demonstram isso:

Eu entrei no coletivo no primeiro ano, [...] no primeiro grupo, ainda não tinha 100 pessoas no grupo, e foi um convite duma colega minha [...] foi ela que nos convidou por conta da nossa ação que a gente tinha na época, [...] estava iniciando muito forte na economia criativa (Entrevistado I)

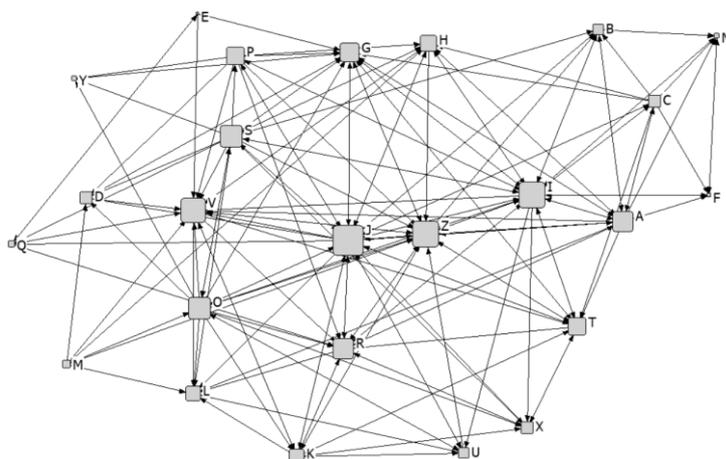
E aí, é, uma amiga minha me colocou no grupo da moda sustentável, e eu achei interessante, assim. E aí, eu fui pro dos resíduos, e aí, dos resíduos, eu acho que eu fui para o sustentável. (Entrevistado L)

Como as pessoas fazem parte de diferentes redes, tais quais família, amigos, universidade, trabalho, entre outras, Jackson (2019) aponta para a influência que essas conexões exercem sobre cada indivíduo. Para o autor, a participação em novas redes é realizada, usualmente, pelas conexões próximas, corroborando os resultados das entrevistas. Em relação ao POA Inquieta, identificou-se que o convite para participação tem uma forte relação com a atuação profissional dos atores. Além disso, há um apelo emocional em função dos objetivos do coletivo buscarem a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento de todas as áreas da cidade. A próxima seção traz a apresentação da rede formada pelas relações formadas por conversas sobre transformação local.

4.2 RELAÇÕES PAUTADAS POR CONVERSAS SOBRE TRANSFORMAÇÃO LOCAL

Na segunda análise, os articuladores foram questionados sobre o relacionamento com outros atores quando consideradas as conversas particulares sobre transformação local. A rede formada tendo em vista essas relações é apresentada na Figura 4.

Figura 4 - Rede formada a partir de conversas sobre transformação local



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em comparação à primeira questão, esta rede é mais densa e, conseqüentemente, mais conectada. Isso pode ser explicado principalmente pela temática estar intimamente relacionada aos objetivos da rede, como evidencia o entrevistado Q, ao se referir à sua motivação para ingresso na rede:

Eu acredito que o trabalho, o profissional e pessoal caminha junto com social. Não tem como a gente dissociar um trabalho profissional sem um comprometimento social, então, por isso que eu não consigo não desenvolver esse lado social e nas minhas atividades. Então, é uma jornada que ele dá vida a limpo é uma profissão não nos define. Então, nessa jornada eu realmente acredito que todos temos esse compromisso, todo o sujeito, não importa quem é, que cor, que religião, que idade, nem profissão precisa ter, todo mundo tem uma potência infinita, né... foi por isso. (Entrevistado Q)

Além disso, os atores centrais e periféricos são diferentes nessa rede, demonstrando aumento do envolvimento com a formação de novas relações, conforme mencionado pelo entrevistado Z:

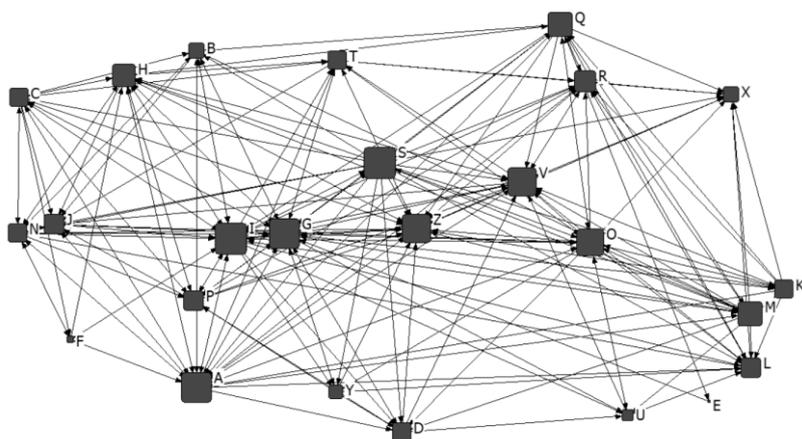
Aí encontrei pessoas que queriam ir a Medellín, bom, aí, fomos a Medellín [...] a gente estava conversando no elevador, decidimos ir para Medellín [...], não se conhecia ficamos no mesmo quarto... entendeu, e assim o coletivo funciona [...] (Entrevistado Z)

O maior envolvimento acarreta conexões mais fortes e na formação de um consenso sobre objetivos comuns, interesses e expectativas dentro da rede (PADILHA; VERSCHOORE, 2013). Ademais, uma rede com esses pilares bem definidos tende a obter maiores resultados sob o que é proposto e realizado (TODEVA, 2006). Nesse sentido, a próxima seção traz a rede formada a partir das conexões criadas através de projetos ou nanoacabativas já realizados no POA Inquieta, incluindo, justamente, uma análise de relações a partir dos resultados.

4.3 RELAÇÕES A PARTIR DE PROJETOS REALIZADOS

Na terceira análise, buscou-se entender as relações a partir de projetos ou nanoacabativas realizados no POA Inquieta. A Figura 5 representa graficamente o resultado da análise. Essa foi a rede que apresentou maior densidade, podendo ser explicada pelo alto grau de envolvimento requerido dos articuladores com o coletivo (WELLMAN, 1983). A densidade mais elevada da rede indica maior interdependência entre os atores e, usualmente, uma maior coesão de ideias (GRANOVETTER, 2005).

Figura 5 - Rede referente às relações que apresentam maior densidade (pergunta 3)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Entre as relações pautadas por conversas sobre transformação local (pergunta 2) e as realizadas através de projetos e nanoacabativas (pergunta 3), não houve diferenças significativas entre os atores centrais e periféricos, apesar da densidade mais elevada da última. Um dos motivos para isso pode ser atribuído a uma das principais características dos projetos: a busca por uma cidade mais inclusiva e melhor para todos. Sendo assim, as conversas paralelas sobre transformação local estão ligadas aos projetos já executados ou em execução. Nesse sentido, vale ressaltar a importância das nanoacabativas e do seu impacto na motivação dos indivíduos, como evidencia o entrevistado O:

Eu acho fantástico esse termo dele, porque às vezes, assim, as pessoas ficam esperando, procrastinando [...], querendo algo grandioso [...], mas o que parece uma coisa pequena não é pequena é só o primeiro degrau na caminhada, assim [...] (Entrevistado O)

Por fim, todos os entrevistados ressaltaram a questão da comunicação interna e trouxeram a relação entre a execução, a participação e a divulgação de projetos e o conhecimento sobre a sua existência. Sobre isso, o entrevistado A indica que:

O que eu acho mais complexo... eu acho que é uma fragilidade essa comunicação entre os spins porque os articuladores acabam tendo um espaço mais privilegiado, né? De conhecer os projetos, de criar ideias novas. [...] não há uma esfera hoje em que a gente tem uma visão do todo (Entrevistado A)

Corroborando esse achado, o entrevistado L traz sua visão após ingressar no grupo de articuladores:

Olha, para mim, o mais legal de ter entrado ali no grupo dos articuladores foi justamente, assim, sacar qual é que era a do POA [...] Sabe, qual era a relação com um poder público que que exatamente rolava, eu não sabia nem que fazia parte do Pacto Alegre por exemplo, né, que tem uma cadeira lá, que eu não sabia disso [...] então, foi legal, assim, para mim, ver o que, de fato, de verdade era o POA Inquieta. (Entrevistado L)

Padilha e Verschoore (2013) reforçam a importância de uma comunicação fluida para potencializar as forças da rede, bem como seu impacto no contexto. O entrevistado V, complementa, apontando para essa necessidade de maior integração entre *spins*:

O POA inquieta precisa realmente se preocupar mais engajar pessoas não em termos de número, mas em termos de participação efetiva. E não, digamos assim, em casinhas isoladas, mas com linhas transversais que permitam, entendi, e a troca de informações se uma troca de fundamental, de difundir informações mais fundamentadas (Entrevistado V)

A partir disso, percebe-se que, apesar de apresentar uma densidade relativamente baixa, a rede de articuladores do POA Inquieta tem homogeneidade de pensamentos e ideias. Na seção a seguir, tem-se a discussão dos resultados, realizada com base a relação da rede com as temáticas de sustentabilidade, sob a perspectiva o Modelo Donut Reduzido, explorando ainda mais as posições dos participantes periféricos e centrais.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão dos resultados buscou entender o POA Inquieta a partir da visão do Modelo Donut Reduzido como ferramenta para transformação local e de sua inserção na cidade de Porto Alegre. Assim, são abordadas as questões relacionadas à sustentabilidade, Modelo Donut Reduzido, relações em rede e o POA Inquieta a partir das entrevistas semiestruturadas. A importância da temática de sustentabilidade para o coletivo ficou evidente em todas as entrevistas. Por exemplo, o entrevistado Y afirma:

Eu acho que é uma das temáticas mais evidentes, mais pessoas angariadas, assim, eu vejo que a questão da sustentabilidade e da inovação [...] são 2 áreas que tem mais gente, assim, que as pessoas estão mais articuladas. (Entrevistado Y)

Alinhado a isso, grande parte dos entrevistados apontou a relevância do desenvolvimento inclusivo, conforme destaca o entrevistado A:

Então, eu acho que precisa, de alguma maneira, se discutir mais o que é desenvolvimento inclusivo, né, o que é desenvolvimento das desigualdades, porque a gente não vai ter desenvolvimento sem redução de desigualdade no Brasil. (Entrevistado A)

Corroborando esse ponto, Raworth (2019) aponta a redução das desigualdades como premissa básica para que qualquer tipo de transformação ocorra, e Wadell e Waddock (2020)

trazem a integração como fundamental para uma mudança transformacional. Nesse sentido, percebe-se a valorização, por parte do POA Inquieta, de duas das quatro dimensões do Modelo Donut Reduzido: empoderamento e capacitação. Ademais, a dinâmica da realização de projetos também ressalta a questão do empoderamento, como evidencia o entrevistado I:

Seria conseguir desenvolver a cidade primeiro economicamente, né, nós não queremos ser assistencialistas. A ideia é ativar as comunidades, e, aí, elas conseguem sozinhas seguir sem a nossa presença. A ideia é que a gente pode até estar lá no início, mas a ideia é que a gente consiga passar informação e conhecimento suficiente. Consiga para isso ativar o que eles têm... Para a gente poder sair e eles seguirem a vida ali sem perceber sem ver que a gente foi embora, a gente quer sair sem ser notado (Entrevistado I)

Esse achado também está intimamente relacionado com a dimensão de capacitação do Modelo, o qual indica a necessidade de fornecer recursos para que pessoas e comunidades tenham a oportunidade de desenvolvimento (FANNING; KRESTYANINOVA; RAWORTH, 2020). Nesse sentido, o entrevistado V traz a experiência de um dos maiores projetos da rede, a Alameda Inquieta: “[...] *Eu percebi uma forma pouco adequada no meu entendimento de como hoje nós ajudamos as comunidades carentes. Nós levamos as soluções, nós damos as sugestões. Nós não ouvimos até o fim o que é que eles querem e como eles querem*” (Entrevistado V). Essa abordagem remete, novamente, ao empoderamento da população e, a partir disso, a uma redução das desigualdades locais.

Além disso, a rede permite a seus membros uma liberdade de ações e a cocriação de iniciativas. Quando algum projeto é proposto, ele passa a ser do coletivo. Sendo assim, após as dinâmicas de planejamento e desenvolvimento, o projeto pode tomar um caminho distinto do inicialmente imaginado:

Tem muito paradoxo, mas eu gosto que ali o paradoxo é muito bem-vindo. Ali, ele é quase que uma tônica, assim, é tipo... nós somos um paradoxo, a gente não tem nada a ver eu e tu, tá? A gente pensa totalmente diferente, mas a gente faz junto, e eu vejo que fazem junto, e cada um tem um pedacinho, um pouquinho de si todo mundo se engaja porque embora 100% não seja meu, tem aquele 1% meu, então é meu (Entrevistado Q)

Tanto a diversidade, quanto a cocriação, encontradas nas evidências de campo, estão explícitos na forma como o Modelo Donut Reduzido é estruturado. Para Fanning, Krestyaninova e Raworth (2020), a definição das metas e objetivos da cidade pode ser realizada de algumas formas, dentre elas, a colaboração da sociedade civil. Nesse sentido, o Entrevistado A complementa tal achado. Ele demonstra ter entendimento da diversidade no Brasil e, especificamente na cidade de Porto Alegre, ressaltando que existem iniciativas que buscam superar desigualdades e promover uma maior diversidade internamente:

Ao mesmo tempo a gente transita por comunidades periféricas, estamos cada vez mais buscando ter esse caráter, porque ele (o POA Inquieta) surge de um grupo restrito de classe média escolarizado. Então, não tem tanto essa diversidade interna, mas existe essa ideia, como projeto de transformação social, de poder superar as desigualdades (Entrevistado A)

Essa diversidade interna, com pessoas representantes de todas as classes sociais, idades e históricos, é essencial para o desenvolvimento sustentável inclusivo. Raworth (2019) enfatiza a importância de todas as pessoas terem acesso às mesmas condições básicas, incluindo, assim, participação e voz nas iniciativas.

Ademais, relacionada a ao fluxo entre comunidades, setor público e privado, o POA Inquieta conquistou um lugar de respeito dentro do cenário político e econômico da cidade. O Entrevistado Z ressaltou este ponto: “*Nós temos uma respeitabilidade na cidade que não tem barreira, a gente, como articulador, a gente fala com o prefeito, a gente fala com o governador, a gente é recebido pelo pessoal das comunidades, a gente é recebido pelas universidades...*” (Entrevistado V). Alinhado a isso, percebe-se como um papel do coletivo essa articulação entre as diferentes esferas sociais, permitindo o compartilhamento de informações e, mais ainda, possibilitando à sociedade civil participação na formação de políticas públicas. O entrevistado P destaca essa conexão como a principal contribuição à cidade:

Eu acho que o POA Inquieta contribui, pode contribuir, de fato, ou trouxe alguma contribuição, especialmente numa fase inicial, eu diria, é, porque é um movimento, vamos chamar assim, uma articulação, acho que a melhor forma é essa, melhor palavra também, é ser uma articulação, acho que ela contribui gerando, suscitando a discussão, a reflexão a respeito de uma cidade melhor que precisa mudar muita coisa que precisa é destruir umas coisas para construir outras. É a partir disso, né, eu acho que essa talvez seja a grande contribuição, né (Entrevistado P)

Buscando compreender o que seria, para o POA Inquieta, uma participação política, o entrevistado L destaca uma das características básica do movimento coletivo, o apartidarismo:

Eu acho que é o maior desafio está deles se manter apartidário... [...] E acho que é que o POA inquieta pode contribuir, assim, essa junção de tudo né, de pensar para a cidade mesmo né [...] Não fomentando um partido, não fomentando uma ideia, uma ideologia, mas, não, é pensar no que é melhor para todos (Entrevistado L)

Em todas as entrevistas, a questão do longo prazo sempre se fez presente, e a falta de um planejamento que desconsidere o tempo de mandato de 4 anos de um governo foi apontada. A partir disso, o entrevistado A resalta uma outra visão de política e relacionamento com o poder público, ressaltando essa ausência de partido político:

Quando a gente vai numa linha de movimentos sociais que são mais estruturados, que não é o nosso caso, muitas vezes, ou ele se opõe ao governo, ou eles buscam no sentido de protestar, de negar, ou eles buscam se incorporar, às vezes até ocupando alguns cargos. Nós somos movidos pelos nossos propósitos, valores, finalidades. Então, quando a gente entender que há condição de contribuir, a gente vai contribuir sem problemas (Entrevistado A)

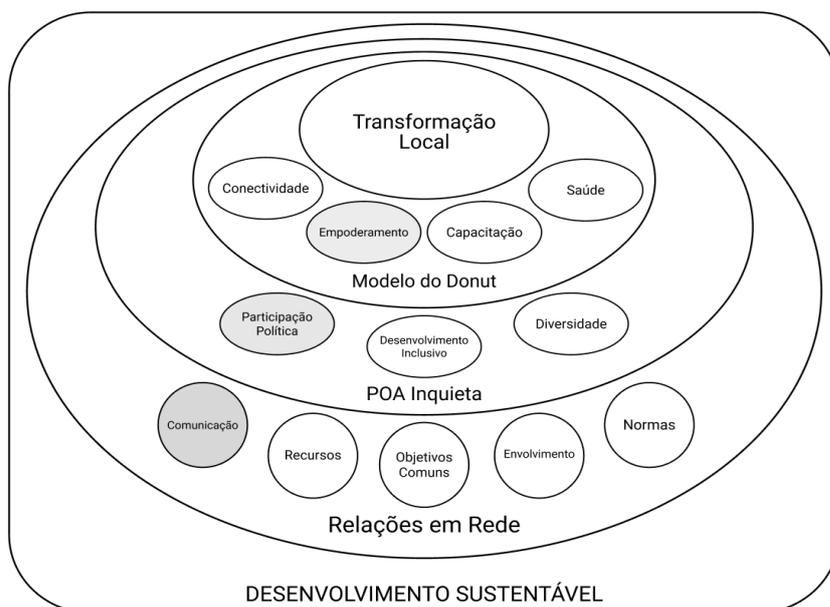
Conforme apontado durante a apresentação do caso, ao considerar a organização em rede em um cenário de transformação local, observa-se, a partir das cinco dimensões propostas por Padilha e Verschoore (2013), a relevância da dimensão da comunicação, sendo essa fundamental para que qualquer ação seja realizada. Ademais, como articulador entre esferas sociais, a comunicação se coloca mais em foco em função da condução de rodas de conversa, projetos e dinâmicas entre atores tão distintos.

Portanto, com base nas evidências coletadas junto ao contexto específico do POA Inquieta, destaca-se que, para uma transformação local efetiva através do Modelo Donut Reduzido, três pilares são fundamentais: desenvolvimento inclusivo, diversidade e participação política. O desenvolvimento inclusivo serve como premissa para o desenvolvimento sustentável (BLEWITT, 2008). Enquanto isso, a diversidade traz visões e percepções díspares, o que contribui para a cocriação de soluções que realmente apresentem sentido para a sociedade (FANNING; KRESTYANINOVA; RAWORTH, 2020). Por fim, valoriza-se a participação

política e a voz na definição de políticas públicas como ponto chave para o desenvolvimento de comunidades sustentáveis (CASTELLS, 2010).

Ainda com base nas evidências coletadas, propõe-se que, considerando o Modelo Donut Reduzido, o empoderamento das comunidades, principalmente através da participação política não partidária, é a principal contribuição de uma rede como o POA Inquieta para a transformação local. Como antes discutido, isso pode ser atribuído à atuação do coletivo como articulador de informações e como ponte entre o poder público, poder privado e a sociedade civil. A Figura 6 apresenta o *framework* de transformação local baseado em comunidades sustentáveis.

Figura 6 – *Framework* de transformação local baseado em comunidades sustentáveis.



Fonte: elaborado pelos autores.

A próxima seção apresenta as considerações finais do estudo, as limitações do estudo e a sugestão de estudos futuros

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensibilização e a conscientização são fatores cruciais para a transformação local e para o desenvolvimento sustentável. Em um contexto de desigualdades sociais, questões como empoderamento e capacitação se fazem premissas para qualquer tipo de avanço. Além disso, a integração e o equilíbrio das três dimensões da sustentabilidade, sociedade, ambiente e economia (SACHS, 2015), trazem uma perspectiva ampla para a análise de desenvolvimento de uma sociedade. Complementando esses pressupostos, Raworth (2019) salienta a necessidade da análise do todo, defendendo uma sociedade que não tenha como objetivo central apenas o crescimento econômico, mas também a uma vida sustentável, regenerativa e distributiva.

O modelo proposto por Raworth (2019) requer alinhamento entre os diferentes atores para que a mudança se torne perene, porém não indica como redes de atores podem contribuir para a transformação local. Inserido nesta lacuna, o estudo teve como objetivo propor um framework de transformação local baseado em comunidades sustentáveis. Para tanto, foi feito o mapeamento da rede de articuladores do movimento POA Inquieta e estudado suas características estruturais e organizacionais. O estudo foi realizado em duas etapas. Primeiramente, a partir de uma abordagem quantitativa, foi aplicado um questionário para a análise da rede de articuladores do POA Inquieta. A segunda etapa, qualitativa, se deu através de entrevistas semiestruturadas com atores centrais e periféricos da rede para identificação da homogeneidade ou heterogeneidade de percepções internas da rede do POA Inquieta.

Os resultados demonstraram que, apesar da rede depender de indicações e convites para participação, as conexões entre articuladores aconteceram, majoritariamente, após seu ingresso no POA Inquieta. As conversas sobre transformação local acontecem entre os atores, mas não demonstram uma alta densidade de conexões, evidenciando espaços para expansão da comunicação. Ademais, com a percepção de conexões através de projetos realizados, observou-se uma densidade mais alta. Entretanto, o estudo evidenciou oportunidades para formação de novos laços e conexões além das relações nos projetos e nanoiniciativas. As entrevistas evidenciaram que as motivações para ingresso no movimento são similares. Igualmente apontou a similaridade de objetivos principais entre os atores centrais e os atores periféricos da rede. Por fim, o estudo destacou a relevância da participação política, desdobramento da dimensão de empoderamento, para dinâmica do POA Inquieta, qualificando-a como fundamental para que qualquer projeto ou nanoiniciativa sejam realizados.

Com base nos achados deste estudo, foi proposto o framework de transformação local alicerçado em cinco pilares de relações sociais em rede, comunicação, recursos, objetivos comuns, envolvimento e normas, acrescidos por três direcionadores de ação coletiva, participação política, desenvolvimento inclusivo e diversidade. O movimento POA Inquieta possui alto potencial de transformação local em função da liberdade interna de planejamento e ação. O framework proposto, além de orientar a realização de novos estudos sobre o desenvolvimento sustentável local, pode auxiliar os participantes do movimento a organizar as ações conjuntas e principalmente a estruturar e reforçar suas relações sociais em rede.

A análise de redes proporciona uma fotografia momentânea das relações humanas, tendo como principal limitação a ausência de dinamismo ao desconsiderar a evolução nessas relações. Dessa forma, a análise aqui apresentada é baseada nessa fotografia. A segunda etapa do estudo baseou-se em um método qualitativo de entrevistas semiestruturadas. Assim, apesar de dependente da análise de redes, a seleção de alguns atores para as entrevistas traz algumas perspectivas únicas, não sendo possível o desenho de um cenário que contemple uma visão total.

A partir das informações coletadas nas entrevistas, bem como considerando a rede do POA Inquieta como um todo, aponta-se para estudos futuros que incluam análises sistêmicas referentes à estrutura da rede e tratem mais profundamente de formas de compartilhamento de informações. Além disso, a menção de inspiração em cidades como Medellín, na Colômbia, e Recife, no Brasil, em diversas entrevistas abre espaço para estudos comparativos e, até mesmo, para estudos práticos a partir do que já foi realizado e estruturado em ambos os locais. Não obstante, este estudo não contemplou todas as possibilidades da análise de rede. Estudos futuros podem ampliar a investigação de coletivos similares, abrangendo a amplitude das medidas de

centralidade de rede. Para finalizar, a implementação de modelos de transformação local como o Donut requer a realização de estudos aprofundados que acompanhem os avanços e apontem caminhos.

REFERÊNCIAS

- BALESTRIN, A; VERSCHOORE, J. R. **Redes de cooperação empresarial: estratégias de gestão na nova economia.** Porto Alegre: Bookman, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARABÁSI, A. L. **Linked: how everything is connected to everything else and what it means for business, science, and everyday life.** New York, NY: Basic Books, 2014.
- BLEWITT, J. **Understanding sustainable development.** Abingdon, UK: Routledge, 2008.
- BOFF, L. **Sustentabilidade: O que é – O que não é.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.
- BORGATTI, S. P.; HALGIN, D. S. On network theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1168-1181, 2011.
- CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013.
- CAMARGO, F.; VERSCHOORE, J.; PADILHA, L. A dinâmica estrutural da gestão interorganizacional: o papel do gestor sob a perspectiva da análise de redes sociais. **BASE-Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, v. 10, n. 1, p. 43-54, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.4013/base.2013.101.04>
- CÂNDIDO, G. A. A formação de redes interorganizacionais como mecanismo para geração de vantagem competitiva e para promoção do desenvolvimento regional: o papel do Estado e das políticas públicas neste cenário. **Revista Eletrônica da Administração**, v. 28, n. 8, p. 32-47, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/44129>
- CASTELLS, M. **Communication power.** Oxford, UK: Oxford University Press, 2009.
- CASTELLS, M. **The information age: economy, society, and culture, Volume III: End of Millenium.** Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2010.
- CROSSLEY, N.; PRELL, C.; SCOTT, J. Social network analysis: Introduction to special edition. **Methodological Innovations Online**, v. 4, n. 1, p. 1-5, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/205979910900400101>
- DEACON, B. SDGs, Agenda 2030 and the prospects for transformative social policy and social development. **Journal of International and Comparative Social Policy**, v. 32, n. 2, p. 79-82, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/21699763.2016.1200112>

DUFAYS, F.; HUYBRECHTS, B. Connecting the dots for social value: A review on social networks and social entrepreneurship. **Journal of Social Entrepreneurship**, v. 5, n. 2, p. 214-237, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/19420676.2014.918052>

ECHEBARRIA, C.; BARRUTIA, J. M.; ELETXIGERRA, A.; HARTMANN, P.; APAOLAZA, V. Local sustainability processes worldwide: a systematic review of the literature and research agenda. **Journal of Environmental Planning and Management**, v. 61, n. 8, p. 1289-1317, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/09640568.2017.1342611>

FANNING, A.; KRESTYANINOVA, O.; RAWORTH, K. **Creating City Portraits: A methodological guide from The Thriving Cities Initiative**. 2020. Disponível em: <http://doughnuteconomics.org/Creating-City-Portraits-Methodology.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2023.

FREEMAN, L. C. **The development of social network analysis**. A study in the sociology of science. Charleston, CS: Booksurge Publishing, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANOVETTER, M. The Impact of Social Structure on Economic Outcomes. **Journal of Economic Perspectives**, v. 19, n. 1, p. 33-50, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1257/0895330053147958>

JACKSON, M. O. **The human network: how your social position determines your power, beliefs, and behaviors**. New York, NY: Vintage Books, 2019.

KALLIS, G.; KERSCHNER, C.; MARTINEZ-ALIER, J. The economics of degrowth. **Ecological Economics**, v. 84, p. 172-180, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2012.08.017>

KILDUFF, M.; TSAI, W. **Social networks and organizations**. London, UK: Sage Publications, 2003.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais-aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v. 30, p. 71-81, 2001. DOI: <https://www.scielo.br/j/ci/a/6Y7Dyj4cVd5jdRkXJVxhxqN/?format=pdf&lang=pt>

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2016.

OLSON, M. **A lógica da ação coletiva: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais**. São Paulo: Edusp, 1999.

OTTE, E.; ROUSSEAU, R. Social Network Analysis: A powerful strategy, also for the information sciences. **Journal of Information Science**, v. 28, n. 6, p. 441-453, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1177/016555150202800601>

PADILHA, L. G. O.; VERSCHOORE, J. R. Green Governance: a proposição de construtos de governança coletiva para o desenvolvimento sustentável local. **Ambiente & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 153-174, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2013000200009>

PALMER, J.; RICHARDS, I. Get knetter: network behaviour in the new economy. **Journal of Knowledge Management**. v.3, n. 3, p. 191-202, 1999. DOI: <http://dx.doi.org/10.1108/13673279910288626>

PORTUGAL, S. O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 79, p. 35-56, 2007. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.723>

RASHID, A. A. **Doughnut economics**: a roadmap for a thriving sustainable city, 2020. Disponível em: <https://gaiageld.com/wp-content/uploads/2021/01/doughnut-malaysia-dr-azmizam-abdul-rashid.pdf> Acesso em: 8 jun. 2023.

RAWORTH, K. **Economia Donut**: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

ROCKSTRÖM, J. *et al.* A safe operating space for humanity. **Nature**, v. 461, n. 7263, p. 472-475, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1038/461472a>

SACCARDO DOS SANTOS, M.; BERNARDY, R. J. A formação de redes interorganizacionais para o desenvolvimento regional. **Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 9, p. 140-159, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.24302/DRD.V9I0.1950>

SACHS, J. D. **The age of sustainable development**. New York, NY: Columbia University Press, 2015.

SCOTT, J. Social network analysis: developments, advances, and prospects. **Social Network Analysis and Mining**, v. 1, n. 1, p. 21-26, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s13278-010-0012-6>

SENGE, P. M. *et al.* Collaborating for systemic change. **MIT Sloan Management Review**, v. 48, n. 2, p. 44, 2007. DOI: <https://sloanreview.mit.edu/article/collaborating-for-systemic-change/>

SHIRKY, C. **Eles vêm aí**: O poder de organizar sem organizações. Lisboa: Actual Editora, 2010.

STOPPER, M.; KOSSIK, A.; GASTERMANN, B. **Development of a sustainability model for manufacturing SMEs based on the innovative doughnut economics framework**. Proceedings of the International MultiConference of Engineers and Computer Scientists 2016 Vol. II, IMECS 2016, 16-18 mar. 2016, Hong Kong. Disponível em: https://www.iaeng.org/publication/IMECS2016/IMECS2016_pp810-818.pdf

TODEVA, E. **Business networks**: strategy and structure. London, UK: Routledge, 2006.

VAN ZANTEN, J. A.; VAN TULDER, R. Beyond COVID-19: Applying “SDG logics” for resilient transformations. **Journal of International Business Policy**, v. 3, n. 4, p. 451-464, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1057/s42214-020-00076-4>

VANDENHOLE, W. De-growth and sustainable development: rethinking human rights law and poverty alleviation. **Law and Development Review**, v. 11, n. 2, p. 647-675, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1515/ldr-2018-0033>

WADDELL, S.; WADDOCK, S. A Strategy to Support Transformation Towards Sustainability Globally. The SDG Transformations Forum. In: WASIELESKI, D. M.; WEBER, J. (Eds.) **Sustainability**. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2020, p. 43-56.

WATTS, D. J. **Seis graus de separação**: a evolução da ciência das redes em uma era conectada. São Paulo: Leonardo Editora, 2003.

WELLMAN, B. Network analysis: Some basic principles. **Sociological Theory**, v. 1. p. 155-200, 1983. DOI: <https://doi.org/10.2307/202050>

WETHERELL, C.; PLAKANS, A.; WELLMAN, B. Social networks, kinship, and community in Eastern Europe. **The Journal of Interdisciplinary History**, v. 24, n. 4, p. 639-663, 1994. DOI: <https://doi.org/10.2307/205629>

YANG, J. *et al.* **Comparison of complex network analysis software**: Citespace, SCI 2 and Gephi. 2017 IEEE 2nd International Conference on Big Data Analysis (ICBDA), p. 169-172, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1109/ICBDA.2017.8078800>